

FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA E DESENVOLVIMENTO DO PROTAGONISMO DISCENTE NA UNIVERSIDADE: FACES DE UMA MESMA MOEDA

Anselmo Pereira de Lima; Dalvane Althaus; Claudinéia Lucion Savi Rodrigues

Professor Doutor e Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Chefe do Departamento de Educação da UTFPR, Campus Pato Branco; Pedagoga, Esp. em Educação Especial – Coordenadora do Núcleo de Ensino da UTFPR, Campus Pato Branco; Pedagoga, Pós-Graduada em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar, Especialista em Educação do Campo e Especialista em Educação Especial – Coordenadora do Núcleo de Acompanhamento Psicopedagógico e Assistência Estudantil da UTFPR, Campus Pato Branco.

Resumo - O presente trabalho tem por objetivo apresentar um relato de experiências na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), mais especificamente no Campus Pato Branco, a respeito da implementação do Departamento de Educação (Deped) e de seus Núcleos. No Núcleo de Ensino (Nuens) está em andamento um Programa de Formação Continuada de Professores. Sua metodologia de pesquisa e intervenção consiste na disponibilidade voluntária de professores para colaborar e participar de procedimentos de filmagem de aulas e de entrevistas, dos quais resultam documentários em vídeo que são compartilhados com outros professores em reuniões de reflexão sobre a prática docente. No Núcleo de Acompanhamento Psicopedagógico e Assistência Estudantil (Nuape), há uma proposta inicial de trabalho direcionado aos discentes. Esta tem por objetivo desenvolver a organização, a autonomia e a participação dos acadêmicos nos espaços que compõem a Universidade, levando-os a um engajamento, em parceria com os docentes, na resolução de problemas do cotidiano universitário. A fundamentação teórica dessas iniciativas consiste em um conjunto articulado de teorias provenientes de ciências como a Língua, a Linguística Aplicada, a Psicologia Histórico-Cultural, a Psicologia do Trabalho, a Ergonomia da Atividade e a Pedagogia

Palavras-Chave: docência, discência, formação continuada

Abstract- The aim of this text is to present an account of some of our experiences in the Federal Technological University of Paraná (UTFPR), more specifically in the city of Pato Branco, related to the implementation of an Education Department and of its two Centers: one dedicated to teachers and the other dedicated to students. In the Teachers' Center, there is an ongoing program of continuous teacher development. Its research and intervention methodology is based on teachers' voluntary availability to collaborate and take part in classes and interviews audiovisual recording procedures. As a result, there is the production of video documentaries which are shared with other teachers in practice reflection pedagogic meetings. In the Students' Center, there is a starting project whose objective is to develop the organization, the autonomy and participation of students in the university activities, leading them to engage, in partnership with teachers, in the search of solutions to university daily problems. Our theoretical base in these initiatives comes from an articulated set of theories coming from sciences such as Linguistics, Applied Linguistics, Historical-Cultural Psychology, Work Psychology, Activity Ergonomy and Pedagogy.

KeyWord: teaching, learning, continuous teacher and student development

1. INTRODUÇÃO

[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire, 2009, p. 23).

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) tem sua origem na criação das Escolas de Aprendizes Artífices em 1909 (Cunha, 2000, p. 63; Leite, 2010, p. 13), sendo hoje uma instituição de educação profissional e tecnológica multicampi (Schallenberger, 2006, p. 89-100) presente em doze cidades do Estado: 1) Apucarana; 2) Campo Mourão; 3) Cornélio Procopio; 4) Curitiba; 5) Dois Vizinhos; 6) Francisco Beltrão; 7) Guarapuava; 8) Londrina; 9) Medianeira; 10) Pato Branco; 11) Ponta Grossa; e 12) Toledo.

Na cidade de Pato Branco, a UTFPR atua desde 1993, quando ainda era chamada Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR) (Leite, 2010, p. 143), possuindo aproximadamente trezentos professores distribuídos em doze áreas do conhecimento: 1) administração; 2) agronomia; 3) ciências contábeis; 4) civil; 5) elétrica; 6) física; 7) humanas; 8) informática; 9) letras; 10) matemática; 11) mecânica e 12) química. Cada uma dessas áreas constitui um coletivo de professores em que foram e são realizadas reuniões pedagógicas pelo Departamento de Educação (Deped). Os discentes, por sua vez, aproximadamente quatro mil, estão distribuídos em treze cursos: 1) Técnico em Agrimensura; 2) Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas; 3) Tecnologia em Manutenção Industrial; 4) Engenharia Civil; 5) Engenharia de Computação; 6) Engenharia Elétrica; 7) Engenharia Mecânica; 8) Bacharelado em Administração; 9) Bacharelado em Agronomia; 10) Bacharelado em Ciências Contábeis; 11) Bacharelado em Química; 12) Licenciatura em Letras Português-Inglês; e 13) Licenciatura em Matemática.

A implantação do Departamento de Educação (Deped) no Campus Pato Branco, no formato e com a proposta que ele hoje possui, se deu em 2009, com a finalidade de implementar ações de apoio aos docentes e de acompanhamento aos discentes, sendo – portanto – composto por duas instâncias: o Núcleo de Ensino (Nuens) e o Núcleo de Acompanhamento Psicopedagógico e Assistência Estudantil (Nuape).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB) 9394/96, em seu artigo

de número 66, “a preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado”. Porém, os alunos de pós-graduação, especialmente *stricto sensu*, se envolvem quase totalmente com a colaboração nas pesquisas desenvolvidas por seus orientadores e com suas próprias pesquisas. Dessa maneira, fica quase sempre uma lacuna na efetiva formação de professores para o ensino superior e no desenvolvimento concreto de sua prática pedagógica (Pimenta e Anastasiou, 2002/2010, p. 105-108; Carneiro, 2010; Veiga, 2010). Além disso, os discentes frequentemente não estão preparados para ser acadêmicos e responder satisfatoriamente às exigências dos cursos superiores nos quais ingressam (Pimenta e Anastasiou, 2002/2010, p. 228-243).

Diante destas circunstâncias, estamos convencidos de que não basta desenvolver trabalhos direcionados unicamente à formação de professores. É necessário também propor e desenvolver ações que promovam a organização dos alunos, sua autonomia e o desenvolvimento de uma postura acadêmica coerente com as exigências do ambiente universitário.

Sendo esta frequentemente a situação dos docentes e discentes do ensino superior brasileiro, no Deped da UTFPR, Campus Pato Branco, somos constantemente informados e convocados a agir no enfrentamento de situações e na resolução de problemas do cotidiano universitário ligados à relação professor-aluno, os quais poderiam ser enfrentados e solucionados – de modo parcial ou total, tanto a curto, médio quanto a longo prazo – a partir de um programa de formação docente continuada, de um lado, e, de outro, de uma iniciativa de trabalho em parceria com os acadêmicos, tendo em vista levá-los a uma tomada gradual de consciência a respeito de seu papel como estudantes do ensino superior por meio de um programa de desenvolvimento de sua postura acadêmica, entendida em um sentido amplo.

Neste texto, nosso objetivo é apresentar de forma sucinta

algumas ações que temos desenvolvido nesse sentido, com o intuito de dar uma contribuição para a superação dessas dificuldades em nosso Campus. Trata-se do programa de formação docente continuada intitulado Práticas Docentes: dialogar, compartilhar & refletir e do programa de desenvolvimento da postura acadêmica dos discentes, que está começando a ser implementado experimentalmente no Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, tendo por título Protagonismo universitário: Letras em foco. Ambos os programas envolvem momentos de diálogo, reflexão e compartilhamento a partir de experiências com a realidade educacional em que professores e alunos atuam, tendo em vista lhes oferecer

subsídios que contribuam para a melhoria do processo de ensino/aprendizagem.

ENFOQUE METODOLÓGICO

Os protagonistas dos projetos são, como ficou evidenciado em nossa introdução, os docentes e discentes da UTFPR, Campus Pato Branco. A metodologia de pesquisa e intervenção sobre a prática docente consiste, de modo geral, na disponibilidade voluntária de professores e também de seus alunos para colaborar e participar de procedimentos de filmagem de aulas e de diálogos, dos quais resultam documentários em vídeo que são compartilhados com outros professores em reuniões de reflexão sobre a prática docente.

Com relação às atividades com os discentes, está sendo desenvolvido um trabalho experimental com os acadêmicos do Curso de Letras. A referida proposta consiste, em linhas gerais, em cada turma escolher seu representante e realizar duas assembleias semestrais, uma propositiva e uma avaliativa. Dentre os representantes, um será constituído como “representante dos representantes” para fazer parte do Colegiado de Curso como representante geral dos alunos e para, assim, levar ao conhecimento dos demais membros dessa instância acadêmica os resultados das discussões realizadas nas assembleias discentes.

(RE)TRABALHANDO PRÁTICAS DOCENTES

Nossa iniciativa de pesquisa e intervenção na área de práticas docentes faz parte de um histórico de trabalhos desenvolvidos por Lima (2005; 2008) fora e dentro do Campus Pato Branco da UTFPR.

Quando ainda residia no Estado de São Paulo e atuava como educador em um Centro de Formação Profissional Ferroviário do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI-SP), Lima (2005), em sua pesquisa de mestrado, investigou a interação verbal professor-aluno nas salas de aula da instituição em que atuava a partir da filmagem audiovisual autorizada de aulas de três professores. Dando continuidade a esse trabalho, Lima (2008), em sua tese de doutorado, realizou um estudo sobre eventos educacionais denominados visitas técnicas, o qual envolveu também procedimentos de filmagem audiovisual autorizada de aulas/visitas técnicas de dois professores. A dissertação de mestrado resultará na publicação, provavelmente no segundo semestre de 2011, do livro intitulado provisoriamente Educação profissional: “poder”, “ter que” e “precisar”. A tese de doutorado já resultou, em 2010, na publicação de um livro cujo título é *Visitas técnicas: interação escola-empresa* (cf. Lima, 2010). Os resultados desses trabalhos vem sendo publicados na forma de artigos em revistas científicas especializadas (cf., por exemplo, Lima, 2008b; 2009).

Com o ingresso do professor-pesquisador na UTFPR, Campus Pato Branco, em janeiro de 2009, seus trabalhos de pesquisa tiveram continuidade na instituição após a aprovação, no primeiro semestre de 2009, de seu projeto de pesquisa (cf. Lima, 2009-2011) no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC-UTFPR). O referido projeto intitula-se *Relações existentes entre linguagem e atividade humana em contextos educacionais e de trabalho*. Para sua realização, esse projeto conta com o desenvolvimento de cinco planos de trabalho de Iniciação Científica, nos quais se estudam relações existentes entre a interação verbal professor-aluno e o desenvolvimento do gesto profissional em cursos tecnológicos da UTFPR, Campus Pato Branco, sendo este mesmo seus títulos nas versões I, II, III, IV e V.

Por meio da filmagem audiovisual autorizada e de estudos preliminares de aulas de cinco professores dos seguintes cursos: 1) Engenharia Civil (cf. Alves e Lima, 2010); 2) Engenharia Elétrica (cf. Benvenuti e Lima, 2010); 3) Agronomia (cf. Tibes e Lima, 2010); 4) Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (cf. Vargas e Lima, 2010); e 5) Tecnologia em Manutenção Industrial (cf. Abatti e Lima, 2010), foi possível – posteriormente – realizar a pilotagem de procedimentos mais elaborados e aprofundados de pesquisa e intervenção sobre práticas docentes de sala de aula em “entrevistas simples e cruzadas”¹ com um professor de cada um dos cursos de Engenharia Elétrica e de Tecnologia em Manutenção Industrial.

A partir dos resultados obtidos por meio das experiências mencionadas anteriormente, o Deped, do qual o professor-pesquisador passou a fazer parte, propôs estender a toda a comunidade docente da UTFPR, Campus Pato Branco, a oportunidade de participar desse trabalho por meio de um programa de formação docente continuada cujo título é *Práticas docentes: dialogar, compartilhar e refletir*.

Inicialmente, em novembro de 2010, em uma reunião geral, o programa – na forma de projeto – foi apresentado e submetido à avaliação de todos os Coordenadores de Curso, os quais foram unânimes quanto a sua relevância e aprovação. Em seguida, o Deped elaborou um cronograma de reuniões com os professores de cada uma das áreas de conhecimento da UTFPR, Campus Pato Branco, a fim de apresentar e convidá-los a se engajar no projeto, constituindo duplas de professores “A” e “B” no interior de cada coletivo, isto é, no interior de cada grupo de professores de cada área. Nessa etapa, 56 professores se voluntariaram para participar dos trabalhos². De cada um desses professores, será observada uma ou duas aulas, que poderão ser por eles indicadas. Em seguida, serão realizados trabalhos de filmagem audiovisual autorizada também pelos alunos de uma ou duas aulas de cada professor “A” e “B”, havendo

– em seguida – a seleção por parte do Deped ou a indicação por parte de cada professor de um trecho de até cinco minutos da aula ou das aulas filmadas.

É importante destacar que, em cada uma das etapas mencionadas acima, o professor, enquanto protagonista que deve ser de seu processo de formação continuada, tem a liberdade para indicar qual aula (horário, turma, disciplina, etc.) será observada e filmada, podendo – além disso – participar da seleção do trecho da aula ou das aulas que será objeto de diálogo e reflexão.

O Deped, dispondo de um trecho das aulas filmadas, convida os professores a participarem de diálogos e reflexões, que ocorrem em três momentos. Em um primeiro momento, é realizado uma “entrevista simples”, na qual o professor “A” é convidado a se observar no trecho do vídeo que resultou das filmagens realizadas em suas aulas e a se pronunciar a respeito de sua própria atividade que aparece na imagem, em um diálogo com um membro do Deped, que – nessa ocasião – atuará como mediador da construção de um ponto de vista.

O momento de “entrevista simples” se compõe das seguintes etapas: 1) o professor “A”, na presença do mediador, observa um trecho de suas aulas; 2) o professor “A” é convidado a descrever e a explicar o trecho observado; e 3) o mediador faz perguntas ao professor “A”, a partir de sua descrição e explicação e/ou a partir de interesses específicos da intervenção, os quais podem ser inclusive partilhados com o professor ou professores.

No segundo momento, a entrevista é “cruzada”, contando com a participação do professor “B”, que, na presença do professor “A” e do mediador, assiste ao vídeo do professor “A”, sendo convidado a tentar descrever e explicar a ação do colega, que tem – dessa forma – acesso a um segundo ponto de vista, que provavelmente será diferente do seu, o que leva o mediador a coordenar os diálogos para que se chegue a um terceiro ponto de vista possivelmente mais amplo e qualitativamente superior, como em uma síntese dialética.

Na “entrevista cruzada”, as etapas são: 1) o professor “B”, na presença do mediador e do professor “A”, observa o trecho de aula do professor “A”; 2) o professor “B” será ou poderá ser convidado a descrever e a tentar explicar o trecho de aula de seu colega, caso não se pronuncie espontaneamente; 3) o professor “B” e o professor “A” são levados a dialogar e a refletir como resultado de uma provável diferença de pontos de vista; e 4) o mediador coordena o diálogo e a reflexão.

No terceiro momento, um documentário em vídeo contendo o trecho da aula selecionado ou indicado e trechos da “entrevista simples” e da “entrevista cruzada” é compartilhado na área ou coletivo de professores ao qual os dois professores pertencem para ser tema de reflexão em uma reunião

pedagógica promovida pelo Deped. Posteriormente, esse mesmo documentário em vídeo é compartilhado com professores de outras áreas ou coletivos. Nesses momentos de compartilhamento, o Deped poderá dispor, como embasamento teórico, de excertos extraídos da literatura em educação para motivar, nortear, ampliar e alimentar as discussões e reflexões.

A socialização do trabalho com as áreas ou coletivos se organiza, portanto, por meio das seguintes etapas: 1) edição de alguns resultados na forma de um vídeo; 2) submissão do vídeo editado à validação dos professores diretamente envolvidos; 3) apresentação e discussão do vídeo em reuniões pedagógicas das áreas de origem dos professores e de outras áreas do Campus; e 4) monitoramento da transformação das práticas docentes em sala de aula por meio do depoimento dos docentes e discentes envolvidos direta e indiretamente nos trabalhos.

Ao promover o compartilhamento dos documentários entre os professores em reuniões pedagógicas dos coletivos, colocam-se esses professores para refletir sobre suas próprias práticas concretas, para se reconhecerem naquilo que fazem (Clot, 2008/2010, p. 279-301) e para se (re)unirem, pois se – por um lado – é bem verdade que suas áreas de conhecimento os separam em áreas, cursos e aulas, o fato é que – por outro – a docência, ou melhor, suas práticas docentes os une muito mais, uma vez que – do ponto de vista didático-pedagógico – as dificuldades que os docentes enfrentam em seu dia a dia na sala de aula são frequentemente as mesmas. Nesse quadro, acreditamos, é difícil algum docente ficar indiferente ao observar a si mesmo em atividade ou a um colega vivenciando uma situação ou enfrentando dificuldades que são semelhantes a situações ou a dificuldades por ele vivenciadas e enfrentadas em sua própria prática.

Nosso objetivo com esses procedimentos é, dentre outros, também dar uma contribuição para que se resolva, ao menos parcialmente, o problema do “isolamento” e da “solidão” docente no trabalho, o qual já foi em certa medida identificado e discutido pela literatura (cf. Pimenta e Anastasiou, 2002/2010; Veiga e Viana, 2010; Teodoro e Vasconcelos, 2005).

(RE)TRABALHANDO A POSTURA ACADÊMICA

Ao ingressar na universidade, o discente se depara com um universo diferente daquele com que estava habituado. O universo acadêmico exige maior autonomia, responsabilidade, tomada de decisões, comprometimento e politização (Pimenta e Anastasiou, 2002/2010, p. 228-243). Para auxiliar os alunos nessa fase de suas vidas e pensando em dar-lhes uma contribuição para o necessário desenvolvimento de uma postura acadêmica adequada e coerente com o novo espaço social no

qual foram/estão inseridos, o Deped está ao mesmo tempo desenvolvendo e implementando uma proposta inicial de trabalho direcionado, tendo o Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês como Curso Experimental. Posteriormente, instrumentalizado com o conhecimento produzido no trabalho desenvolvido em cooperação e parceria com os alunos e professores desse Curso, o Deped pretende implementar a referida proposta – já aperfeiçoada e em constante aperfeiçoamento – em cada um dos Cursos do Campus, pois considera que a organização e a autonomia de todos os acadêmicos são fundamentais para um processo de ensino-aprendizagem mais produtivo e também para a emancipação e crescimento pessoal discente.

A referida proposta, que apenas a princípio pode não parecer nova, consiste em cada turma de alunos escolher/eleger seus representantes: um titular e um vice. Após a escolha destes, duas assembleias semestrais ocorrerão em todas as turmas do Curso. Dentre todos os representantes escolhidos pelas turmas, um fará parte do Colegiado do Curso³ e levará as discussões das assembleias ao conhecimento deste, para que sejam consideradas e debatidas com o intuito de se buscarem soluções e alternativas de melhorias.

Para a realização das assembleias (cf. Aquino, 2003, p. 76-90), será seguido um protocolo e estas terão pautas com elementos a serem discutidos, podendo ser acrescentados outros tópicos. A primeira delas ocorrerá no início de cada semestre e terá caráter propositivo. Nela, os acadêmicos discutirão temas e problemas que enfrentam em seu cotidiano universitário. Ainda nesta primeira assembleia, farão proposições de melhorias, assumindo compromissos individuais e coletivos, de maneira a contribuir para a resolução dos problemas ora levantados e discutidos. Todas essas discussões serão levadas ao conhecimento do Colegiado pelo aluno “representante dos representantes”.

Na segunda assembleia, de caráter avaliativo, ao final do semestre, os alunos avaliarão os compromissos e proposições assumidos anteriormente, pois avaliar – no sentido que aqui interessa – é parar e examinar o que foi feito e como foi feito, tendo como referência os objetivos elencados na assembleia propositiva no início do semestre. Para isso, é fundamental o olhar dos diferentes atores envolvidos nesse processo, para que as questões universitárias sejam percebidas de diferentes lugares e por diferentes olhares, de maneira que cada um assuma e cumpra com seus compromissos individuais e coletivos, adotando verdadeiramente a postura de acadêmicos em Curso de Graduação, em uma Universidade.

Todas as assembleias, tanto a propositiva quanto a avaliativa, serão registradas em forma de ata, para que as discussões sejam encaminhadas ao Colegiado também em forma de registro escrito

oficial. A partir do momento em que os problemas discutidos nas assembleias forem levados ao Colegiado, será possível adotar e encaminhar medidas e pensar coletivamente – professores e alunos – soluções para as possíveis dificuldades. É importante ressaltar que se, por um lado, o posicionamento dos alunos poderá por essa via efetivamente “subir” ao Colegiado, por outro, o posicionamento dos professores poderá por essa mesma via “descer” até às turmas de alunos, sendo aberto um canal de comunicação que terá o potencial de promover um produtivo e constante diálogo entre professores e alunos no sentido de um engajamento coletivo na gestão do Curso, na resolução de problemas, na superação constante de dificuldades.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As propostas de trabalho de pesquisa e intervenção sobre práticas docentes (e também discentes), que acabamos de apresentar, já se encontram – como vimos – em execução e aperfeiçoamento constantes. Neste item, nosso objetivo é apresentar, em linhas gerais, parte da fundamentação teórica que embasa nossas ações no Deped. Trata-se de um conjunto articulado de teorias e concepções provenientes de ciências como a Linguística, a Psicologia Histórico-Cultural, a Psicologia do Trabalho, a Ergonomia da Atividade, a Pedagogia, todas congregadas e articuladas pela Linguística Aplicada, ciência e disciplina ao mesmo tempo integradora e produtora de saberes no campo das Ciências Humanas, tendo em vista a resolução efetiva de problemas da vida “real” (Lima, 2010, p. 69-70).

Na área dos estudos da linguagem, há hoje um conceito bastante produtivo: o de gêneros do discurso, que – segundo Bakhtin (1979/2003, p. 261-262; 1929/2002) – diz respeito a formas relativamente estáveis de enunciados. A Psicologia do Trabalho promovida pela Clínica da Atividade, na interface com a Linguística e com a Ergonomia da Atividade, tomou esse conceito de empréstimo e o ampliou para dar conta não só de enunciados orais e escritos, mas também da própria atividade humana, abordada e entendida em toda sua amplitude. Passou, assim, a falar também em gêneros de atividade, isto é, em formas relativamente estáveis de ação humana, qualquer que seja ela (cf. Clot, 1999/2004; 2008).

A ideia de formas relativamente estáveis de ação têm dois lados: o lado da estabilidade, que se configura pela repetição constante da ação humana, e o lado da relatividade, que se configura por sua recriação constante. Toda e qualquer ação humana é ao mesmo tempo repetição de ações humanas anteriores e recriação dessas mesmas ações (Bakhtin, 1999/2005, p. 106; 1926). O lado da recriação da ação a ser repetida exige do sujeito

agente um constante engajamento ou investimento de si. Com o tempo, esse engajamento ou investimento de si pode ir diminuindo ou se “atrofiando”, até que a ação pode cair em uma repetição ao idêntico, em que quase já não há adaptação criativa da ação às circunstâncias sempre novas de cada contexto (Lima, 2010, p. 237).

A recriação da ação se dá por um processo de tomada de consciência, que consiste em que o sujeito agente assuma um lugar fora de si para, desse lugar, se observar a si mesmo e perceber o que poderia ser transformado, ou melhor, recriado em sua ação (Vigotski, 1925/2004, p. 71). É justamente quando cessa esse processo que se cai na chamada repetição ao idêntico, que – como observado anteriormente – paralisa as iniciativas de adaptação criativa da ação às circunstâncias sempre novas de cada contexto, gerando disfuncionamentos e conflitos entre os agentes implicados na atividade (em nosso caso, entre professores e alunos) (Clot, 1999/2004; 2008).

Por essa razão, é importante que tanto os professores quanto os alunos se autoavaliem, assumindo – seja por meio da formação docente continuada, no trabalho com as filmagens; seja por meio do protagonismo universitário, no trabalho com as assembleias de turma – um lugar fora de si para que possam, por meio de um processo constante de tomada consciência, perceber como são e agem e como poderiam ser e agir, podendo – a partir daí – explorar suas possibilidades não realizadas, indo além de si mesmos, repetindo-se, mas também recriando-se constantemente.

Atendendo-se a essa condição, o movimento constante de tomada de consciência permite identificar o real da atividade sob a atividade realizada. Esta última corresponde ao que se faz concretamente e ao que se pode – por exemplo – observar diretamente no vídeo, “a olho nu”. Já o primeiro corresponde às diversas possibilidades não realizadas, ao que se quis fazer sem conseguir, ao que não se quis fazer, mas se fez assim mesmo, ao que se fez para não se fazer aquilo que deveria ser feito, ao que poderia ser feito de outra forma, etc (Clot et al., 2001, p. 17-18). A filmagem da atividade docente em sala de aula, tomada como objeto de diálogo e reflexão, pode nos revelar – a professores e alunos – uma parte do real de nossa atividade e o potencial inexplorado que nela existe. Algo semelhante pode ser dito da outra face dessa moeda chamada educação: o engajamento dos alunos nos procedimentos de protagonismo acadêmico que acabamos de apresentar tem esse mesmo objetivo e potencial.

Consideramos que a prática docente e discente, situada no quadro que brevemente acabamos de apresentar, é complexa demais para que dela possamos dizer – como frequentemente parece se fazer – “quaisquer coisas”, frequentemente sem

comprovação científica sólida, o que acaba por injustificá-la mais do que dá-la efetivamente a conhecer. Em nossa perspectiva de pesquisa e intervenção, entendemos – contrariando em certa medida o modelo positivista de que é preciso primeiramente compreender as coisas para depois transformá-las – que é preciso antes, mesmo que seja com conhecimento parcial, transformar as coisas para depois compreendê-las mais e melhor (Clot, 1999/2004; 2008), pois, como diria Vigotski (1989, p. 73-74), segundo quem “é só em movimento que um corpo mostra o que é”, acreditamos que é só em movimento de transformação que a prática docente e discente mostra gradativamente o que de fato é. Assim, nossa filosofia de trabalho é agir sem poder tudo prever a fim de saber (Clot, 1999/2004; 2008).

E, ao que tudo indica, pela via da transformação inicial de uma rotina de trabalho, por meio de visitas para exposição de nosso programa de formação docente continuada juntamente com resultados-piloto, já começamos a saber, de modo inicialmente mais geral, alguma coisa a mais a respeito do pensamento e da prática dos professores das diferentes áreas de conhecimento da UTFPR, Campus Pato Branco. Apresentar esses primeiros resultados de nosso trabalho, mesmo que neste momento não possamos fazê-lo de modo um pouco mais sistematizado, é o objetivo do item a seguir.

PRIMEIROS RESULTADOS

Nossas ações-piloto envolveram dois professores, um do Curso de Tecnologia em Manutenção Industrial e outro do Curso de Engenharia Elétrica. Os primeiros vídeos realizados foram editados na forma de um documentário em que é mostrado um trecho da filmagem da aula de cada um dos dois professores no momento da realização de um gesto profissional docente comum a ambos. Os professores, cada um em seu laboratório e com sua turma de alunos, retiram equipamentos das mãos de um aluno para lhe dar uma nova demonstração de uso após terem-no deixado tentar usá-los e perceberem que este não obtém sucesso em suas tentativas. Observa-se no vídeo que, depois da demonstração dos professores, os alunos conseguem executar a tarefa.

No momento de “entrevista simples”, quando perguntado por que é necessário retirar os equipamentos das mãos do aluno, o professor “A” destacou para o mediador principalmente a necessidade de gerenciar o tempo de aula, pois tem uma fila de alunos esperando para participar do experimento e não pode deixar um aluno tentando indefinidamente sem conseguir.

Em seguida, no momento de “entrevista cruzada”, o professor “A” dialoga com um colega sobre o mesmo gesto. O professor “B”, ao observar o gesto docente em questão, o qual é semelhante ao seu

próprio, aponta prioritariamente fatores motivacionais para que não se deixe o aluno tentando indefinidamente sem obter sucesso, o que pode desmotivá-lo. Assim, para o professor “B”, é importante que o professor deixe o aluno tentar, mas – caso a dificuldade o impeça de ser bem-sucedido – cabe ao professor intervir para resguardar sua motivação.

Observou-se, com isso, que as razões apresentadas pelos docentes para a execução de um mesmo gesto profissional relacionam-se, mas não são exatamente as mesmas. Essa diferença de pontos de vista desencadeou um diálogo e uma reflexão entre os dois professores, que juntos – a partir dos dois posicionamentos iniciais – construíram um terceiro: é preciso, por meio do mesmo gesto de retirar o equipamento das mãos dos alunos, gerenciar o tempo de aula para que todos os discentes tenham a oportunidade de praticar e, ao mesmo tempo, para que nenhum deles se desmotive. Observou-se também, com isso, que existe o momento certo para que o professor faça a intervenção: nem cedo demais, para que o aluno não se desmotive por não ter tido tempo suficiente para tentar; nem tarde demais, para que o aluno não perca a motivação por ter tentado durante um longo período sem obter êxito.

Nas reuniões com os coletivos de professores, foi apresentado o projeto conforme exposto acima e, na sequência, a apresentação desse documentário em vídeo, como resultado de nossas ações-piloto, suscitou algumas reflexões entre os professores. Muitos deles, em diferentes áreas, relataram que fizeram, durante nossas apresentações, o exercício de tentar se observar, pensando sobre como foi e como poderia ter sido algumas de suas aulas já dadas. Disseram que ficaram se questionando como agiriam e o que outros professores pensariam e diriam a respeito de seu trabalho em sala de aula se pudessem observá-lo. Pudemos observar, com isso, que o documentário em vídeo que preparamos, mesmo apresentando a ação de professores de duas áreas específicas, em situação de aula em laboratório, permitiu que professores de todas as áreas da UTFPR, Campus Pato Branco, se reconhecessem em um gesto profissional que pertence a todos os professores coletivamente, mas a nenhum deles de modo individual e exclusivo. De fato, como ressaltamos anteriormente, o exercício da docência tem o potencial de unir os professores muito mais do que suas diferentes áreas de conhecimento têm o potencial de separá-los.

Em relação ao gesto profissional docente apresentado e discutido no documentário, alguns professores deram depoimentos sobre como fazem ao perceberem que os alunos não entendem algo. Alguns solicitam que um aluno que entendeu explique para os que não entenderam, uma vez que a linguagem costuma ser mais próxima entre os alunos. Outros professores, a partir da segunda

explicação, lançam mão de desenhos e analogias. Houve também situações relatadas por uma professora em que, ao tentar explicar algo de forma diferente para os alunos, tornava-se ainda mais difícil a compreensão.

As dúvidas que surgiram entre os professores dizem respeito ao momento em que a equipe do Deped realizaria visitas às turmas de alunos para informá-los dos procedimentos e obter suas autorizações e à possibilidade de as filmagens ocorrerem no momento de orientação de estágio: as filmagens se restringem aos laboratórios ou podem ser feitas também em aulas teóricas? Esclarecemos quanto a isso que qualquer momento de encontro professor-aluno pode ser objeto das filmagens para posterior diálogo, compartilhamento e reflexão individual, em duplas e nos coletivos.

Sobre a questão da tomada de consciência, houve exemplos enriquecedores, tais como os de uma professora que exemplifica que, em seu caso, utilizou filmagens ao se preparar para a prova didática do concurso por meio do qual ingressou na instituição. Segundo a professora, com isso, pôde perceber o que precisava ser melhorado em seu desempenho. Outra professora enfatizou a importância de o professor poder se observar para ter consciência do que faz às vezes automaticamente, sem perceber, e comentou que o trabalho com a Educação à Distância também está possibilitando isso a muitos professores, mas de forma não intencional. Houve, ainda, um professor que já participou de filmagens em outra instituição na qual trabalhava anteriormente. Este relata que a tomada de consciência e a modificação da postura acontecem tanto para o professor, que sabe que está sendo filmado, quanto para os alunos.

Quanto aos diálogos, as observações feitas pelos docentes vão na direção de que talvez o professor “A” possa não explicar precisamente a sua real intenção e que o professor “B” pode não ficar à vontade para dizer ao professor “A” o que realmente pensa. Contudo, um professor com anos de experiência na docência lembra que muitas vezes o docente se vê diante de uma situação em que precisa fazer algo e o faz com base na sua experiência, sem pensar a respeito, sem poder refletir de fato antes e no exato momento do gesto profissional executado. De acordo com seu ponto de vista, um docente, ao ter a oportunidade de se pronunciar a respeito de seus gestos, vai ter a oportunidade de pensar sobre o que o motivou a agir de uma determinada maneira e não de outra. Trata-se, segundo ele, da construção de pontos de vista inicialmente indisponíveis.

Sobre o monitoramento da transformação da prática que se desencadearia por meio do programa de formação continuada proposto, houve curiosidade quanto ao possível uso dos resultados da ferramenta de avaliação do docente pelo discente. Alguns professores ressaltaram que é preciso antes

esclarecer aos alunos o que é prática docente, bem como orientá-los de modo mais preciso sobre o próprio instrumento de avaliação de seus professores. Outros ressaltaram que, a partir do programa de formação continuada proposto, seria necessário revisar o modo como a avaliação docente pelo discente é realizada.

No que se refere aos discentes, os professores perguntaram se os alunos também seriam chamados para dialogar, se iriam participar do projeto posicionando-se sobre sua aprendizagem que ocorre como resultado dos gestos dos professores e de seus próprios gestos discentes. Esclarecemos quanto a isso que é justamente essa a intenção e que esse trabalho será desenvolvido pelo Nuape, em parceria com o Nuens, em articulação com o Programa de Protagonismo Universitário, tendo como base o trabalho de Lima (2008b) nessa área.

As reflexões exteriorizadas pelos docentes sobre a aprendizagem dos alunos levaram em conta o tempo de aprendizagem de que cada aluno, com seu ritmo, necessita, considerando-se que a docência “é uma arte” em que o professor precisa ter a habilidade de intervir no momento certo. Desenvolveu-se, também, uma reflexão em torno da idéia de que no ato de se darem demonstrações aos alunos há mais ganho na aprendizagem do que no ato de apenas falar, explicar, podendo estes dois atos se combinar. Entretanto, observou-se que para o professor saber se um aluno consegue ou não, por exemplo, acender um maçarico em aulas de laboratório basta fazer uso da observação direta. Mas como fazer uso desse tipo de procedimento na análise de um poema e/ou na escrita de um texto pelos alunos? Esse questionamento e reflexão serviram para motivar os professores a se engajarem no programa para obterem respostas hoje indisponíveis.

Foram, ainda, citados exemplos de casos de alunos que desistiram de determinados cursos na instituição e se tornaram profissionais bem-sucedidos em outras áreas, por meio de outros cursos. Quanto a esses exemplos, questionou-se: como fica a questão da motivação discente e de sua gestão pelos docentes?

Houve professores que ressaltaram determinados aspectos que têm impactos sobre a prática docente. Por exemplo, a transformação das turmas/alunos no decorrer do curso: no início, estão mais entusiasmadas e menos críticas; no final, mais críticas e menos entusiasmadas. Outro exemplo é o de alunos que chegam à universidade muito jovens e não apresentam um comportamento coerente com o ambiente no qual se encontram. Outros exemplos, ainda, são o da “falta de pré-requisitos dos alunos”, o do número de alunos em sala de aula, que “é muito grande”, e o de disciplinas com cargas horárias inadequadas.

Para os professores, de forma geral, a filmagem deve também servir para reivindicar melhores condições de trabalho, pois a partir desse programa de formação continuada é possível verificar outros fatores que interferem na prática do professor: o próprio aluno, a instituição, as condições de sala de aula e de laboratório. Nesse sentido, alguns docentes sugeriram relacionar os gestos dos professores em sala de aula com os objetivos dos cursos, com os objetivos da instituição e com as avaliações externas realizadas pelo Mec. Outros sugeriram oferecer capacitação pedagógica para os professores novos na instituição e indicar bibliografias e dicas para melhoria da metodologia de ensino.

Os professores, de modo geral, afirmaram que a importância do projeto está também no fato de que os docentes passam a ter um interlocutor, representado pelo Deped, com quem – em um trabalho de parceria – podem compartilhar suas dificuldades, buscar apoio e externar suas reflexões, suas preocupações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Universidade, cada segmento tem seu papel dentro da dinâmica geral, pois a ação de um tem impactos sobre a ação dos outros. Assim, no que diz respeito ao Deped e a seus núcleos, Nuens e Nuape, é necessário – como procuramos mostrar – um trabalho articulado nas dimensões da docência e da discência. Realizar ações de formação continuada de docentes é tão importante quanto realizar ações voltadas para o desenvolvimento da postura acadêmica dos alunos.

No contexto atual da UTFPR, Campus Pato Branco, se reconhece a importância e a necessidade de proporem mecanismos para que os docentes possam socializar saberes e teorizar sua prática pedagógica, bem como para que os discentes desenvolvam uma postura acadêmica adequada ao espaço universitário. Essa demanda está presente nos momentos de reuniões e discussões, sejam com docentes ou com discentes. Estamos nos esforçando para atendê-la, assumindo institucionalmente que docentes e discentes estão continuamente em formação e que essa formação deve ocorrer paralelamente de maneira que um trabalho complemente o outro.

REFERÊNCIAS

- ABATTI, T.; LIMA, A. P. Relações entre a interação verbal professor-aluno e o desenvolvimento do gesto profissional no Curso de Manutenção Industrial da UTFPR, Campus Pato Branco. In: Anais do SICITE, v. 02. Cornélio Procópio, 2010. p. 65-68. Disponível em <http://eventos.cp.utfpr.edu.br/docs/sicite2v2.pdf>
- ALVES, J. F.; LIMA, A. P. Relações entre a interação verbal professor-aluno e o desenvolvimento do gesto profissional no Curso de Engenharia Civil da UTFPR, Campus Pato Branco. In: Anais do XV SICITE, v. 02. Cornélio Procópio, 2010. p. 57-60.

Disponível em <http://eventos.cp.utfpr.edu.br/docs/sicite2v2.pdf>

AQUINO, J. G. As assembleias de classe: a educação em valores em ato. In: AQUINO, J. G. Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003. p. 76-90.

BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V. N. Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza para uso didático, 1926.

BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1929/2005.

_____. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979/2003.

_____. (Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 1929/2002.

BENVENUTTI, E. I.; LIMA, A. P. Relações entre a interação verbal professor-aluno e o desenvolvimento do gesto profissional no Curso de Engenharia Elétrica da UTFPR, Campus Pato Branco. In: Anais do XV SICITE, v. 02. Cornélio Procópio, 2010. p. 61-64. Disponível em <http://eventos.cp.utfpr.edu.br/docs/sicite2v2.pdf>

BRASIL. Lei 9394 – LDB – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

CARNEIRO, M. H. S. Trabalho docente e saberes experienciais. In: VEIGA, I. P. A.; VIANA, C. M. Q. Q. (orgs.). Docentes para a educação superior: processos formativos. Campinas, SP: Papirus, 2010. p. 101-113.

CLOT, Y. Travail et pouvoir d'agir. Paris: Puf, 2008.

CLOT, Y. La fonction psychologique du travail (4ª ed). Paris: Puf, 1999/2004.

CLOT, Y.; FERNANDEZ, G.; SCHELLER, L. Entretiens en autoconfrontation croisée: une méthode en clinique de l'activité. Education Permanente, n. 146, 2001. p. 17-25.

CUNHA, L. A. O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília: Flacso, 2000.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Especial, 40ª reimpressão; Paz e Terra, 2009.

LEITE, J. C. C. UTFPR: uma história de 100 anos. Curitiba: Ed. UTFPR, 2010.

LIMA, A. P. Relações existentes entre linguagem e atividade humana em contextos educacionais e de trabalho. Projeto de Pesquisa aprovado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. PIBIC-UTFPR, 2009-2011.

LIMA, A. P. Visitas técnicas: interação escola-empresa. Curitiba: CRV, 2010a.

LIMA, A. P. Visitas técnicas: um processo de "conciliação" escola-empresa. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), PUC-SP, 2008a.

LIMA, A. P. Visitas técnicas e autoconfrontações: a descoberta da atividade do professor na atividade do aluno. Veredas on line, n.1, 2008b. Disponível em <http://www.uuff.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo11.pdf>

LIMA, A. P. Educação profissional e interação verbal: a função do verbo modal "poder" no diálogo professor-aluno. Linguagem em (Dis)curso, v. 09, n.1, jan/abr., 2009. p. 35-60. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0901/090102.pdf>

LIMA, A. P. A interação professor-aluno em um Centro de Formação Profissional Ferroviário. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), PUC-SP, 2005.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. Docência no ensino superior. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002/2010.

SCHALLENBERGER, E. Uma universidade tecnológica multicampi. In: FILHO, D. L. L.; TAVARES, A. G. (orgs.). Universidade Tecnológica: concepções, limites e possibilidades. Curitiba: Sindocefet-PR, 2006.

TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. (orgs.). Ensinar e aprender no ensino superior. São Paulo: Editora Mackenzie; Cortez, 2005.

TIBES, V.; LIMA, A. P. Relações entre a interação verbal professor-aluno e o desenvolvimento do gesto profissional no Curso de Agronomia da UTFPR, Campus Pato Branco. In: Anais do XV SICITE, v. 02. Cornélio Procópio, 2010. p. 53-56. Disponível em <http://eventos.cp.utfpr.edu.br/docs/sicite2v2.pdf>

VARGAS, J. A.; LIMA, A. P. Relações entre a interação verbal professor-aluno e o desenvolvimento do gesto profissional no Curso de Análise e Des. De Sistemas da UTFPR, Campus Pato Branco. In: Anais do SICITE, v. 02. Cornélio Procópio, 2010. p. 01-04. Disponível em <http://eventos.cp.utfpr.edu.br/docs/sicite2v2.pdf>

VEIGA, I. P. A.; VIANA, C. M. Q. Q. (orgs.). Docentes para a educação superior: processos formativos. Campinas, SP: Papirus, 2010.

VEIGA, I. P. A. Alternativas pedagógicas para a formação do professor da educação superior. In: VEIGA, I. P. A.; VIANA, C. M. Q. Q. (orgs.). Docentes para a educação superior: processos formativos. Campinas, SP: Papirus, 2010. p. 13-27.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1925/2004